

NARRATIVA Nº 03 - ACO¹

Nome completo: Antonio Carneiro de Oliveira.
 Filiação: João Carneiro de Oliveira e Almerinda Maria Oliveira.
 Naturalidade: fazenda Pau de Colher, Riachão do Jacuípe-BA.
 Data de nascimento: 1957.
 Idade: 59 anos.
 Estado civil: casado com Zenilta Bispo Oliveira.
 Escolaridade: estudou pouco em casa, com a mãe.
 Principais atividades: lavrador.
 Lugares onde viveu: nasceu e viveu na fazenda Pau de Colher.
 Perfil: pouco falante, introvertido.
 Gravação da narrativa: 10 de janeiro de 2016, às 14h, na faz. Pau de Colher, em Riachão do Jacuípe.

Doc.: O senhor lembra o quê da sua infância? O senhor lembra da sua infância... como era?
 (superp. de fala da filha: “trabalhano, né pai?”).

Inf.: Ah, lembro de tanta coisa... eu lembro de tanta coisa do tempo que a gente brincava eu mais Zeca e compade Hidebrando... brincava no tempo do... pulava dentro do tanque, dano merguio, era os dia de domingo era os dia de foga da gente e jogar bola, somente.

Doc.: O senhor nasceu aqui mesmo na... na... na Pau de Colher?

Inf.: Eu nasci ali na fazenda aí na casa na vea aí, aqui só... aqui só quem nasceu aqui só foi a galerinha... meus filho... foi...

Doc.: E o senhor lembra como que aprendeu a escrever?

Inf.: Ah... com muito trabalho, eu ia pra roça quando era mei dia mãe dava... que eu num tive escola eu aprendi com mãe... mãe dava era... era lição... chamava lição, enquanto num desse... enquanto num desse num... num ia pra roça... era assim era pra dizer desenvolvido... ler desenvolvido a lição era assim enquanto ela num sabia... era...

Doc.: Ela usava algum livro, alguma...

Inf.: Hum?

Doc.: Ela usava algum livro tinha algum material de leitura, pra dar essas lições?

Inf.: Não. Ela... comprava os livro pra gente ler... mas era mehmo da da... da... de escola mesmo agora (rindo)... a gente teve o ABC primeiro... depois... [inint.] cartilha, parece... e a gente só estudou parece que foi segundo ou foi terceiro... ano.

Doc.: Com ela ou chegou a ir em alguma escola?

¹ A identificação de cada narrador é realizada com a mesma sigla usada para se referir aos redatores das cartas. A maior parte da transcrição foi realizada por Rosana Brito, mestranda em Estudos Linguísticos, pela UEFS/BA. Foram transcritos os trechos narrados que tratam, principalmente, das práticas de escrita e leitura, dos contextos de letramento dos sertanejos (para as narrativas completas, cf. gravações).

Inf.: Com ela. Nós num saia pra fora não. Aqui eu era dento desses pasto aí limpano mandioca... era de segunda a sábado, cinco horas da tarde que pai dizia que domingo ia brincar (rindo).

Doc.: Os pais do senhor gostavam de contar história? Aquelas histórias infantis?

Inf.: Ah não... não... história aí não (rindo).

Doc.: E as cartas, o senhor lembrava quando foi que escreveu? O senhor escreveu cartas?

Inf.: Se eu lembro quantas carta?

Doc.: Não, o senhor escrevia cartas, não era?

Inf.: Só pela metade assim (rindo) aí tem muita é... é mais da mulher aí, que ela escrevia antes de eu casar (rindo) aí no tempo que a gente era noivo ela escrevia sempre, nesse tempo não tinha telefone era carta mehmo.

Doc.: Mas o senhor escreveu para ela também?

Inf.: É [inint.] escrevia pra ela... fazia de todo jeito aí ela lá entendia como quisesse (rindo).

Doc.: O senhor trabalhou a vida toda aqui ou viajou algum período?

Inf.: Rapaz oh eu trabalhei desde pequeno que trabalho é aqui... desde pequeno que a gente nasceu... e quando a gente já tava com seis ano pai já botou na roça... e aí a gente tá... hoje não que a roça não dá mais nada [inint] tem que sair pra fora.

Doc.: Mas o senhor trabalhou fora algum período, em Salvador?

Inf.: Não. Eu trabalho só por aqui de Gavião... Gavião... é... Santa Luz... Queimada, é os lugar que eu já tive trabalhano...

Doc.: E hoje o senhor lê alguma coisa, escreve?

Inf.: Não, se for pra... pra eu ler, ler, agora o negócio é a vista que não tá mais vendo. [...]

Doc.2: Hoje, por exemplo, atualmente, o senhor ainda escreve, lê alguma coisa assim, faz algum tipo de trab-?

Inf.: Rapaz, eu faço argum nome... (rindo) faço argum nome... (superp.) o negócio rapaz é que... ó... tem coisa assim que eu vou escrever, alguma coisa assim como... pocos dia mehmo fui fazer uma carteira, a identidade e CPF, CPF não, a profissional... aí... é... eu to veno eu to escreveno, mas as vez intrapalha por causa que a visão tá mei poca.. é... mas nunca perdi o treino inda não (rindo)... é.

Doc.: Mas o senhor lembra-se da sua infância tinha alguma escola na região, alguma professora, não né?

Inf.: A professora que tinha aqui era... dá quase uma légua.

Doc.: Que era onde mesmo?

Inf.: Ficava ali na... perto ali na Queimada Nova é... mas nesse tempo aí pai não botava na escola não (superp.).

Doc.2: O senhor nunca foi numa escola normal, né?

Inf.: Rapaz, a escola daqui só era mãe que ensinava a da gente.

Doc.: Mas ela ensinava pra outros meninos também ou só os filhos?

Inf.: Não, só pra gente mesmo... a gente quando chegava da roça, a gente cabava de almoçar dava um tempinho ali “vai pegar o livro” (rindo) é tanto que conta a gente uma besteirinha que eu sei foi aprendido depois, que ela não sabia... foi.

Doc.: Só dona Almerinda que sabia escrever, seu Pitanga não sabia não, ou sabia também?

Inf.: Pai sabia.

Doc.: Sabia também, né?

Inf.: Sabia... mãe e pai sabia, agora pai na hora que dava uma hora pulava pra roça (rindo).